

Dos pontos e riscos às tramas bordadas: saberes populares que costuram a relação dos processos educativos comunitários do bordado de Passira/PE

Paloma Rebeca de Arruda¹

Maria Fernanda dos Santos Alencar²

RESUMO

O presente trabalho discute sobre o bordado e os seus diversos significados. Esses se constituem a partir dos contextos em que estão inseridos e dos saberes populares que fomentam as relações sociais manifestadas nos pontos e riscos, guiados pelas mãos das mulheres bordadeiras. O processo educativo do bordado passado de geração e geração é desenvolvido por meio da educação comunitária, fundamentada nas trocas de saberes e experiências. Nesse sentido, o estudo busca responder a seguinte questão: Que saberes populares constituem os processos educativos comunitários no fazer do bordado e na organização da Associação das mulheres artesãs de Passira/PE? O percurso metodológico estruturou-se na abordagem qualitativa, do tipo descritivo, tendo como instrumento para a coleta de dados a entrevista narrativa; e para o tratamento das informações a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). Apresenta estudos e contribuições sobre o bordado que foi transformado ao longo da história, a relação das mulheres com o bordado, a importância do bordado em Passira/PE, a relevância da Associação das Mulheres Artesãs de Passira (AMAP) e as relações entre os saberes populares, a educação comunitária e o bordado. A partir das entrevistas com as 4 bordadeiras de Passira/PE, observamos que os saberes populares que emergem do bordado fortalecem a educação comunitária que se efetiva nas diversas formas de aprendizagem, vinculando o aprender ao olhar, (re)fazer, testar, pesquisar, ouvir, experienciar e vivenciar práticas com avós, mães, tias, irmãs e vizinhas, criando uma identidade coletiva: bordadeiras-Artesãs de Passira/PE, fortalecendo-as, como mulheres, numa profissão que dar nome e cultura a cidade, ao sustento da casa, mas principalmente em suas lutas, sonhos e esperanças de novos futuros.

Palavras chaves: Bordado. Educação comunitária. Saberes populares. AMAP.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia (NFD/CAA/UFPE) E-mail: paloma.arruda@ufpe.br

² Profa. Dra. Orientadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia (NFD/CAA/UFPE) E-mail: fernanda.alencar@ufpe.br

ABSTRACT

This paper discusses embroidery and its various meanings, which are formed based on the contexts in which it is inserted and the popular knowledge that fosters social relations expressed in the stitches and patterns, guided by the hands of female embroiderers. The educational process of embroidery, passed down from generation to generation, is developed through community education, based on the exchange of knowledge and experiences. In this sense, the study seeks to answer the following question: What popular knowledge constitutes the community educational processes in the practice of embroidery and in the organization of the Association of Women Artisans of Passira/PE? The methodological path was structured in a qualitative, descriptive approach, using narrative interviews as the instrument for data collection and the Content Analysis technique (Bardin, 1977) for information processing. Furthermore, the work brings studies and contributions on embroidery that has been transformed throughout history, the relationship between women and embroidery and gender discussions, the importance of embroidery in Passira/PE, the relevance of the Association of Women Artisans of Passira (AMAP) and the relationships between popular knowledge, community education and embroidery. From the interviews with the four embroiderers of Passira/PE, we observed that the popular knowledge that emerges from embroidery strengthens community education that is effective in the various forms of learning, linking learning to looking, (re)doing, testing, researching, listening, experiencing and living practices with grandmothers, mothers, aunts, sisters and neighbors, creating a collective identity: embroiderers-Artisans of Passira/PE, strengthening them, as women, in a profession that gives name and culture to the city, to the sustenance of the household, but mainly in their struggles, dreams and hopes for new futures.

Keywords: Embroidery. Community education. Popular knowledge. AMAP.

INTRODUÇÃO

Bordar requer tecidos, desenhos, linhas e agulhas. Esses determinados elementos são cruciais para compor a trama de um bordado, essa composição possibilita diversos significados e carrega tradições. O bordado é um artesanato presente em diferentes culturas, foi sendo moldado ao longo dos anos de acordo com o contexto em que estava inserido, através do bordado é possível observar relações sociais, culturais, econômicas e educacionais

de parte de uma sociedade, presentes desde o início da sua prática até o seu desenvolvimento e fortalecimento.

O interesse por pesquisar e trabalhar sobre essa temática iniciou com a inquietação de uma menina que sempre esteve imersa na cultura do bordado, acompanhando sua mãe, tias, amigas e outras mulheres do seu meio na produção e comercialização desse artesanato. Ao observar essa prática, era possível compreender os significados que emergiram do ato de bordar, entre as conversas das bordadeiras e seus ensinamentos e trocas de experiências que resultam em peças singulares, mesmo contendo os mesmos pontos ou riscos. Essas mulheres depositam no bordado suas vivências, anseios e sonhos, também realizam uma leitura de mundo, que é expresso por cada desenho que a agulha e linha acompanham.

Passira, município do Agreste de Pernambuco, sempre foi o berço do bordado manual, a história de Passira e a produção do bordado estão entrelaçadas, ao decorrer dos anos os símbolos e marcos históricos presentes na cidade evidenciam o importante papel realizado pelo bordado para o desenvolvimento da cidade, tanto em seu aspecto cultural e econômico, onde o bordado tem uma representação maior, quanto nas demais áreas como a educação. O ensino do bordado é uma prática bastante difundida, através de uma educação não formal.

A aproximação desta pesquisa com a educação ocorre enquanto processo que se realiza em diferentes espaços; surgiu, primeiro, durante a disciplina Fundamentos e Processos da Educação Popular³, despertando o interesse por aprofundar sobre outras formas de educação presentes em diversos contextos socioculturais, nos fazendo compreender a educação para além dos muros da escola numa concepção de liberdade, assim como pontua Brandão (2007, p.10), “A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como idéia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida.” Ou seja, a educação na perspectiva comunitária valoriza os diversos saberes e as experiências construídas coletivamente.

Em relação à relevância acadêmica, a temática aborda a educação comunitária na sua perspectiva de construção de conhecimento, buscando a valorização dessas formas artesanais e culturais que expressam não apenas a história de Passira, mas carrega os múltiplos significados atribuídos pelo bordado e pelas diversas civilizações em que estava inserida, com sua profunda relação com o fazer feminino. Delicadeza e feminilidade eram ideias vinculadas ao bordado, o mesmo era considerado uma atividade doméstica, atribuída às mulheres,

³ Componente curricular estudado no 4º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia com a Profa. Dra. Maria Fernanda dos Santos Alencar.

conforme ressalta Brito (2010, p.1) “Bordados têm atravessado séculos revelando modelos de trabalho doméstico, ensinando perspectivas de gênero e atributos morais na arte do fazer criativo.” Esse fazer criativo foi sendo modificado, acompanhando as modificações da sociedade, suas expressões culturais e discursos.

“O bordado, como outras manifestações tradicionais, é patrimônio cultural e herança transplantada das artes e ofícios dos povos colonizadores, remanescente de um estilo de vida que se implantou no Brasil, merecendo por isso um tratamento especial.” (Silva, 1995, p.25); sendo assim, o bordado é considerado um patrimônio cultural, justamente por conseguir expressar diversas manifestações culturais por meio de seus riscos e desenhos que, em cada cultura ou sociedade, ganha uma finalidade diferente já que os bordados podem apresentar desenhos geográficos referindo-se a lugares, elementos religiosos, a diversidade de animais entre outros.

Todos esses processos vão sendo expressos pela arte e a cultura, enraizada e fomentada a partir das práticas do cotidiano das bordadeiras, que dão vida aos riscos dos bordados. Essa prática enraizada na cultura de um povo é o retrato da cidade de Passira, que dispõe de uma ampla e rica relação com o bordado. O município é tradicionalmente conhecido como a cidade do bordado manual, é comum encontrar em diversas casas a presença do bordado, são inúmeras as peças e os espaços. Neste contexto, boa parte do centro da cidade mantém a tradição viva com as lojas e galerias ou até mesmo a escultura de uma bordadeira que retrata a realidade e a relação das mulheres com o bordado. Essa tradição viva está entrelaçada com a história e fundação da cidade, ou seja, a cultura e a arte transmitida pelo bordado estão presentes nas diferentes esferas sociais.

Dessa forma, a história da cidade é construída a partir dos pilares traçados pelo bordado e seus múltiplos significados que foram sendo desenvolvidos pela educação comunitária, já que a prática do bordado retrata um conhecimento coletivo, assim como afirma Brito (2010, p.77) “O bordado traz uma dimensão que se constrói a partir de formas de transmissão do conhecimento [...]”. Esse conhecimento construído coletivamente é uma prática da educação comunitária.

Nesse sentido, a história do bordado em Passira e a sua transmissão também está relacionada à educação comunitária, que é um dos vieses da educação popular. Sendo assim, a presente pesquisa busca responder a seguinte questão: Que saberes populares constituem os processos educativos comunitários no fazer do bordado e na organização da Associação das mulheres artesãs de Passira/PE? A partir desta questão, temos como objetivo Geral: Compreender que saberes populares constituem os processos educativos comunitários no

fazer do bordado e na organização da Associação das mulheres artesãs de Passira/PE: E específicos: 1. Identificar elementos dos saberes populares que constituem os processos educativos comunitários no fazer do bordado de Passira/PE. 2. Estabelecer relação entre os saberes populares, a educação comunitária e o bordado de Passira. 3. Levantar a influência da Associação das mulheres artesãs na organização do bordado em Passira/PE.

Em relação ao percurso metodológico está estruturado na pesquisa qualitativa, realizada por meio do estudo de campo, desenvolvido através da entrevista narrativa com quatro mulheres bordadeiras, fazendo uso da técnica Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) para análise das informações.

1 CONHECENDO O BORDADO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA, CONCEITUAL E A RELAÇÃO COM O FEMININO

Esse tópico busca apresentar a construção histórica do bordado como uma arte que simboliza as transformações pelas quais passa a sociedade. Neste sentido, procura dar destaque a evolução do bordado nas primeiras civilizações, seu fortalecimento no contexto europeu até sua chegada ao Brasil, passando por pontos relevantes que estruturam a concepção de bordado, a relação com a discussão de gênero, já que o fazer feminino foi fundamental para seu desenvolvimento.

Além disso, também é pontuada a chegada do bordado em Passira e sua importância para a história e desenvolvimento econômico e cultural do município, enfatizando como o bordado está organizado atualmente, por meio da Associação das mulheres artesãs de Passira (AMAP) que mantém viva a tradição do bordado na cidade. Neste sentido, dialogamos com os seguintes autores: Araújo (2013), Araújo e Carvalho (2024), Ferreira (2022), Malta (2015), Silva (1995), Sousa (2019), Vasconcelos (2016), Vieira (1999) que enriquecem a discussão.

1.1 Bordado: evolução histórica e conceitual

Silva (1995) escreve que, no decorrer dos anos, vestes e outras peças domésticas simbolizam e retrataram a história e os costumes de diversos povos, destacando suas culturas, a organização social, a economia, as crenças e expressões religiosas, ou seja, formas que simbolizam um retrato da história e da ancestralidade. Essas histórias são revividas na contemporaneidade, por seus vestígios que continuam impregnados na história da

humanidade, através do artesanato. Como evidência disso, o estudo desenvolvido por Silva (1995) destaca que:

Escavações realizadas no Egito trouxeram a luz do conhecimento recente, fragmentos que podem atestar o modo de vida de antigas culturas, o meio social, o que permite decifrar os sistemas que organizavam essas sociedades, seus costumes e representações. Através deste material, é possível identificar a existência, por exemplo, da ornamentação do traje nas camadas mais altas da sociedade, como símbolo de poder e divisor de classes, muito além da simples satisfação pessoal, ou do gosto estético. Os registros arqueológicos podem revelar, portanto, mais do que o simples costumes do uso de determinados equipamentos como o vestuário, ferramentas ou qualquer outro material, os aspectos sociais que regula o comportamento num sistema social (Silva, 1995, p.37).

Nessas antigas culturas o artesanato e o bordado que também se faz ou faziam presentes desempenha papéis diferentes de acordo com a cultura em que é inserido, pois, de acordo com Silva (1995, p.39), “O bordado esteve a serviço do gosto e da estética dos estilos ornamentais de cada época e de cada cultura.”

Vieira (1999), diz que:

No Mediterrâneo, a divulgação do bordado esteve a cargo dos assírios, egípcios, gregos e romanos. Os Gregos consideravam o bordado invenção da deusa Minerva. São inúmeros os registos arqueológicos onde é possível testemunhar a importância do bordado para as civilizações do Mediterrâneo. O Cristianismo, por força da necessidade dos trajes de culto bordados a ouro, defendeu e divulgou a arte de bordar em todo o mundo sob a sua influência. Roma, como sede do papado, transformou-se a partir do século XVI num dos mais importantes centros do trabalho da agulha, por força da exigência das vestes de cerimónia do papa e cardeais. O Cristianismo encarregou-se de divulgar esta arte em todo o lado e os conventos femininos foram centros de relevo no incentivo da tradição de bordar (Vieira, 1999, p.15).

Assim, o bordado passou a ser observado como uma arte, embora considerada de menor valor porque era manual (Silva, 1995). Desse modo o bordado traz a representação de arte no seu processo de produção com seus significados. Por isso, os avanços históricos enfocam “[...]aspectos da evolução histórica da arte, dos materiais, dos tipos e das técnicas nas manufaturas artesanais, é possível compreender o que representou no passado, a "arte de bordar.” (Silva, 1995, p.38).

A arte de bordar e o bordado na Europa vão recebendo conjecturas diferentes. “Na França, o bordado alcança sua época de ouro, surgindo diversos pontos que foram perpetuados nos livros técnicos de bordados amplamente divulgados em toda a Europa, inclusive no Brasil.” (Silva, 1995, p.40). Nesse contexto, ocupa as casas simbolizando o luxo e o poder, ou se encontra nas vestes da aristocracia, pois “a “tradição” de peças em bordados eram direcionadas a “realeza e nobreza” (Vieira,1999).

Com as expansões marítimas e as novas formas de navegação, o bordado passou a alcançar novos lugares, assim chegava ao Brasil. “[..]chegou por meio de comitivas advindas de países da Europa. Devido à grande pluralidade pela qual se deu a construção do Brasil, não se pode delimitar ao certo de que país veio o bordado, já que, esta cultura milenar tem raízes em diversas partes do planeta.” (Silva, 2017, p.25).

A partir disso, foram surgindo as diversas formas de bordados como o Vagonite, ou o bordado com fitas, os tipos e tamanhos de agulhas, bordados manuais e o uso da máquina e a infinidade de peças e possibilidades de desenhos e traços que poderiam ser retratados.

Apesar de todos os vestígios deixados e contados pela história, “Não há registro preciso da data exata na qual o primeiro bordado foi executado, porém há muitos séculos que o ser humano pratica a intervenção ornamental por aplicação de linhas e contas em tecidos.” (Sousa, 2019, p.26)

Nesse percurso histórico, observamos que a concepção de bordado foi moldada no decorrer da história, a cada transformação ou significado atribuído ao mesmo; entretanto, na sua concepção é importante enfatizar que história do bordado está diretamente vinculada às mulheres, uma cultura direcionada ao uso doméstico, como afirma Araújo (2013).

Essa percepção sobre o bordado, no decorrer dos anos, foi sendo transformada. A atividade, que era considerada doméstica, passou a ganhar representatividade econômica, trazendo assim uma nova ideia para o bordado, como uma atividade lucrativa de subsistência que interfere diretamente na renda de determinado local ou comunidade. Porém, é importante enfatizar que a representação cultural que o bordado transmite e carrega na sua essência permanece como um processo contínuo de transformação. Araújo (2013) destaca que:

O bordado não acaba em si mesmo, no processo final de sua fabricação. Está ligada a ele uma imensidão de elementos que vai desde a construção de uma identidade cultural local ao resgate histórico do modo de vida das bordadeiras. Indo desde uma rede de narrativas distintas e tão singulares entre si a uma atividade lucrativa e geradora de renda individual, e que acaba sendo refletida na economia local (Araújo, 2013, p.2).

As narrativas distintas estão enraizadas nas memórias das bordadeiras. Essas memórias permeiam todo processo criativo porque resgatam suas vivências de lutas e alegrias, as histórias locais de um povo, as expressões culturais, de artesanato e arte, problemas sociais e tantos outros significados presentes no contexto sociocultural que podem ser atribuídos ao bordado e resgatados pela memória, ou seja, o bordado pode ser construído a partir das lembranças. Essas lembranças utilizadas como repertório para a produção, podem ser (re)construídas e (re)significadas de acordo com a nova realidade da bordadeira. Ferreira

(2022) explica a relação do bordado ao fortalecimento de uma memória neurofisiológica, simbólica e social, porque traz as noções de tempo e de espaço dos marcos temporais retratados pelos bordados. Como evidência da importância da memória tanto coletivamente, quanto individualmente para o bordado, Ferreira (2022) diz que:

O bordado é uma atividade artesanal que está permeada pela memória, tanto no sentido neurofisiológico - o ato mecânico de lembrar, quanto no sentido simbólico e social das memórias construídas, sendo que eles se retroalimentam, pois lembranças individuais e memória são mediadas pela realidade, pelas vivências e pelas relações dos indivíduos no presente (Ferreira, 2022, p.49).

Resgatar essas lembranças nos instiga e proporciona um novo olhar reflexivo sobre as peças que foram produzidas, os sentimentos atrelados a mesma, o patrimônio e o legado cultural que é simbolizado pelo bordado, construído por um fazer manual que parte de um olhar sensível das temáticas que permeiam o dia a dia da realidade das bordadeiras, (Araújo e Carvalho, 2024). Essa realidade que inspira os desenhos e dão vidas aos bordados estão na família há gerações, conforme pontua Malta (2015):

Ainda hoje podemos encontrar, em guardados antigos de família, paninhos bordados, peças em tecido feitas por habilidosas mãos de avós, bisavós e tataravós ou por elas compradas ou recebidas de presente e conservadas por algum motivo especial, formando uma espécie de museu privado sentimental (Malta, 2015, p.1).

Nessa narrativa, compreendemos que o bordado é uma construção histórica e social, permeado pelas lembranças daquelas que dão vida a esse artesanato em forma de arte, elaborando uma relação direta entre o passado e o presente, criando identidades e retratando as expressões culturais de um povo, com ênfase no Nordeste brasileiro e na sua diversidade, região onde se fortaleceu enquanto arte. Sendo assim, inicialmente “O bordado pode ser entendido como a figura ou representação resultante do trabalho empregado no ato de bordar, ou como a própria técnica de bordar. Ao longo da história, encontramos vários artefatos em que a ornamentação ficou a cargo de figuras bordadas.” (Ferreira, 2022, p.19), e com o passar dos anos a técnica desenvolvida passou a transmitir mensagens e significados.

Dessa forma, a concepção de bordado transcorre gerações com sua pluralidade simbólica, revelando e valorizando o imaginário das bordadeiras, por meio dos desenhos que são estampados nos tecidos, revelando a função estética do bordado, enfatizada por Silva (2017):

O Bordado é uma forma de concepção de desenhos ornamentais a partir do alinhavar da linha com o tecido. Tais desenhos podem ser concebidos de forma artesanal (feito à mão), ou de forma industrial com o auxílio de

maquinas. O bordado é uma ferramenta de função especificamente ornamental e estética (Silva, 2017, p.19).

Assim, verificamos que o bordado é um artesanato expresso por uma arte milenar com múltiplos significados, sua concepção também revela sua magnitude que consegue unir memórias, diálogos, processos de aprendizados que são passados de geração para geração que incluem nesse sentido afetos, partilhas e transformações.

1.2 O bordado e um breve olhar de sua relação com a questão de gênero

Apesar das diversas transformações que ocorreram ao longo dos anos sobre o bordado, o que permanece na história é sua relação direta com as mulheres. O bordado, durante seus percursos históricos, teve a presença feminina sempre marcada pela ideia de valores e feminilidade da mulher. Era comum que entre as práticas educativas destinadas a elas, as artes domésticas ocupassem um importante papel pois “[..]são tidas quanto virtudes porque elas asseguram que as mulheres permaneceriam em casa, longe de qualquer tentativa de escolaridade através dos livros” (Sousa, 2019, p.19).

Castidade, virtude, obediência eram considerados valores impostos pela educação patriarcal. Os bordados eram produzidos com a finalidade de manter esse mesmo sistema, assim como aponta Araújo (2013):

Passado de geração para geração, o bordado era ensinado às mulheres com a finalidade de, além de saber desenvolver uma arte em si, preparar a mulher para produzir o enxoval de seu casamento e, também, havia a questão da “valorização” da mulher, pois esta seria bem vista perante a sociedade caso fosse considerada “prendada” (o sucesso para conseguir um bom casamento estaria ligado à ideia de que a mulher deveria ter conhecimento e habilidade para desenvolver a costura e o bordado) (Araújo, 2013, p.3).

Os caminhos que as mulheres iriam percorrer eram decididos previamente pela sociedade, que realizava essa separação de gênero entre homens e mulheres. Nessa separação, os homens tinham livre arbítrio de escolha para trabalhar, ou realizar a atividade que assim desejassem. Já para as mulheres, eram destinadas às atividades domésticas e artesanais. Por isso, a presença do ensino do bordado é inserida nas escolas como forma de reforçar o papel que a mulher deveria realizar no seu contexto social em atendimento ao pensar sobre o papel da mulher na sociedade. Sendo assim, o bordado assim como outros artesanatos eram atividades unicamente direcionadas ao fazer feminino, por isso, a história contada traz as discussões sobre gênero e a liberdade feminina. Se antes, o bordado era visto como uma

atividade doméstica, na atual realidade o bordado permite autonomia, como uma ferramenta para o empoderamento das mulheres.

Não foi fácil e não é fácil transformar os discursos e narrativas, mas esses foram sendo modificados de acordo com a conquista de espaços alcançados pelas mulheres. Além disso, o bordado deixou de ser apenas uma atividade estritamente doméstica, ganhando uma nova roupagem como atividade econômica que, para algumas mulheres, também é uma forma de subsistência para suas famílias, garantindo sua independência e reafirmando seus direitos. Dessa maneira, o bordado ainda é presente nas casas e nas vidas das mulheres, fazendo parte de seu cotidiano, porém o significado atribuído a ele recebe novas concepções.

1.3 O bordado em Passira: como tudo iniciou?

Passira, município do agreste de Pernambuco, é tradicionalmente conhecida como a “terra do bordado manual”, sua história foi sendo construída pelas mãos das bordadeiras e contadas através das mensagens contidas nos bordados e nos moradores da cidade que presenciaram as transformações da mesma.

A cidade de Passira foi fundada ao redor da igreja localizada no povoado de Pedra Tapada, que pertencia ao município de Limoeiro, algum tempo depois o distrito de Pedra Tapada passou a ser chamado de Malhada que de acordo com Vasconcelos (2016 p.36) “estaria relacionada ao fato da região servir como campo de pastagens para boiadeiros repousarem, sob a sombra dos marizeiros” e posteriormente “passa a ser chamado de Passira, em 1943.” (Vasconcelos, 2016, p.40). Passira é um nome de origem tupi-guarani cujo significado é "acordar suave" (Prefeitura de Passira, 2025). Porém, é em 1964 que Passira passa a ser município, “Então, 14 anos se passaram – desde a Lei de Organização Municipal de 1949 – até que Passira, e também Cumaru, viesse a ser município autônomo.” (Vasconcelos, 2016, p.41)

Sendo assim, o município começa a organizar as diversas áreas sociais como a cultura e economia, tendo como base o bordado e as produções agrícolas com ênfase para a produção de milho, já que o município possui um clima favorável, pois está localizado no agreste do Estado. Apesar do milho ser um grande precursor do ponto de vista econômico, o bordado carrega as ideias de pertencimento, expressões culturais e identidade fomentadas por essa arte milenar, que, em Passira, seu ponto de partida “está ligada a implantação da primeira Associação de Bordadeiras do município, situada em Candiais, que depois veio a se constituir em Cooperativa das Bordadeiras de Passira.” (Silva, 1995, p.52).

A cooperativa das Bordadeiras de Passira tinha como intuito garantir liberdade às bordadeiras, valorização de seu trabalho e do bordado, além de fortalecer o bordado como uma arte que deveria ultrapassar os limites das cidades e contar novas histórias. A representação econômica configurada pela solidificação da associação também era uma forma de estimular a propagação do bordado. Tais mudanças de acordo com Silva (1995) ocorreram em:

Em 1986, os grupos de bordadeiras de Candiais, Pedra Tapada e Cutias, organizados em associações e totalizando 80 pessoas, se uniram em Assembléia Geral, e instituíram a cooperativa. Em agosto de 1987, houve alteração dos Estatutos da COMIB, votada, em Assembléia, abrindo espaço para as artesãs ceramistas. Neste ano, também foi inaugurada a loja da COMIB na Casa da Cultura, no Recife, para a comercialização dos bordados confeccionados em Passira (Silva, 1995, p.56).

No mesmo ano, em 1987, outro marco importante para a história do bordado em Passira foi a criação da Feira do Bordado, que no início era intitulada de Feira Artesanal de Passira, por abrigar diversos tipos de artesanatos, conforme salienta Vasconcelos (2016):

Feira que nasce somente como “Feira Artesanal de Passira”, ou, mais ampla ainda na medida em que não especifica o bordado manual, abrangendo outros artesanatos feitos na cidade, como a produção de cerâmica. “São panelas, cuscuzeiras, pratos e terrinas”, tudo produzido com barro de massapé, muitas vezes retirado do quintal de cãs, na zona rural da cidade. É mais uma tradição da região, “repassada de pai para filho, com elevada importância cultural e econômica” conforme descrição de um encarte produzido pela COMIB em parceria com a Casa da Cultura do Recife. Assim, a Feira Artesanal de Passira é na sua primeira edição, no ano de 1985, que encontramos a justificativa para o recorte temporal inicial dessa pesquisa (Vasconcelos, 2016, p.97).

A nomenclatura da feira foi modificada para “Feira do Bordado Manual de Passira”, ocorrendo todos os anos, abrigando diversos artesãos regionais e seus trabalhos em pedrarias, madeiras, tecidos, barro, tintas, alumínio e plásticos. A variedade a cada ano é modificada assim como a temática que sempre busca resgatar a memória do bordado.

Além da feira, a maior precursora do bordado atualmente na cidade é a Associação das Mulheres Artesãs de Passira, a AMAP. A Associação foi fundada como uma forma de manter a cultura do bordado viva, resgatando as memórias, possibilitando a geração de renda para as mulheres que têm no bordado sua principal atividade de subsistência.

As transformações vivenciadas pelo bordado em Passira desde a sua forma mais tradicional estampado nas peças, até os novos riscos que foram surgindo nas máquinas em combinação com as mãos das bordadeiras, continuam representando a história da cidade e suas particularidades.

1.4 A Organização da Produção do Bordado: a Associação das Mulheres Artesãs de Passira/PE

Em seu contexto histórico, a organização do bordado em Passira, juntamente com as bordadeiras, teve início por meio Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira (COMIB) instituída em 1986, que representava “um salto dentro do sistema econômico que visa a liberdade de trabalho, a distribuição proporcional dos lucros” assim como explica Silva (1995, p. 56). Além disso, a expansão da cultura do bordado, sua comercialização como formar de aumentar sua presença nas feiras artesanais eram os objetivos norteadores da COMIB. Após alguns problemas financeiros a Cooperativa encerrou as atividades por volta dos anos 2000.

Alguns anos depois com o fim da cooperativa, a necessidade de uma organização das bordadeiras continuava latente. Observando as demandas desse cenário, como a dificuldade para a comercialização e a valorização do bordado, em 2007 um grupo de mulheres fundaram a Associação das mulheres artesãs de Passira (AMAP). O projeto inicial foi idealizado como uma forma de resgatar a força da relação do bordado e as bordadeiras baseado em um movimento coletivo de reconhecimento.

A partir do estabelecimento da AMAP o bordado começou a trilhar novos caminhos, como exemplo disso foi sua presença na semana de moda, São Paulo Fashion Week, que apresentou o bordado através de uma vitrine abrangente, tendo ampla divulgação pela dimensão do evento, considerada o maior evento do Brasil relativo à moda.

Atualmente, a Associação conta com 40 mulheres associadas, divididas entre bordadeiras e costureiras. A produção está voltada ao vestuário infantil, todas as peças produzidas pela associação são vendidas para outras cidades e estados, levando consigo a essência cultural da cidade e de suas bordadeiras. O impacto na economia e na vida das mulheres após a Associação destaca sua importância e possibilidade de transformação, que advém do bordado e de uma organização que busca incansavelmente manter sua cultura viva.

2 SABERES POPULARES, EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA E SUA RELAÇÃO COM O BORDADO

Os saberes populares permeiam os processos históricos e sociais da sociedade através das educações e dos conhecimentos que são construídos. Os saberes populares se formam a partir da troca entre os diferentes sujeitos nos seus processos de vivência. Nesse processo, os diálogos circulam entre as diversas áreas, fazendo com que surja a produção dos saberes

populares refletindo os costumes culturais, religiosos, políticos e organizacionais dos grupos sociais. Esses diálogos são um elemento fundamental, pois a partir dos diálogos há um reconhecimento e respeito aos diferentes saberes. (Pereira, 2014).

Por isso, os saberes tiveram nos seus processos históricos diferentes concepções já que se fazem presentes nos diálogos. Conforme Freire (1987) o diálogo está diretamente associado à existência humana. Desse modo, o saber popular se constrói diante dessa pluralidade, que segundo Brandão (2006) em primeiro momento esse saber era um saber de todos:

A produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso “sábio e erudito” que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um “saber do povo”. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se “sábio e erudito”; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como “popular” o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um, “erudito”, tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, “popular”, restou difuso — não centralizado em uma agência de especialistas ou em um pólo separado de poder — no interior da vida subalterna da sociedade (Brandão, 2006, p.15).

Esses saberes para todos é constituído, é visto como um saber comunitário que fundamenta os pilares da educação popular, assim como destaca Brandão (2006).

Um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual. Em um primeiro longínquo sentido, as formas — imersas ou não em outras práticas sociais —, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua educação popular (Brandão, 2006, p.16).

A educação popular, conforme Brandão (2006), na sua ampla concepção, apresenta 4 sentidos: “1) como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber; 2) como a educação do ensino público; 3) como educação das classes populares; 4) como a educação da sociedade igualitária.” (Brandão, 2006, p. 6). A partir desses sentidos, a educação popular está sob o viés da liberdade, presente em diversos contextos. Nesse pensar, enfatizando essa perspectiva Brandão (2007) aponta que a educação pode ser livre, entre todos, também pode ser uma das formas de tornar comum sob a concepção de crença ou ideia, aquilo considerado saber comunitário.

Logo, a educação comunitária vai emergir a partir dos saberes, crenças e ideias, assim como também das trocas desses saberes de forma comunitária, voltadas aos processos de ensino e aprendizagem mediante a vida comunitária.

Mediante Brandão (2006), a educação popular sob a perspectiva da educação comunitária está presente na formação de artistas, de artesãos entre outros grupos que trabalham com materiais diversos e fazem uso de um saber que é transmitido dentro da comunidade, entre os participantes da comunidade, passando de geração em geração. Nesse sentido, a produção do bordado também advém dessa educação comunitária fomentada pelos saberes populares, já que o ensino do bordado, em grande parte, está voltado à prática passada de geração para geração, na comunidade familiar e circunvizinhos. Essa forma de ensino fortaleceu e ainda fortalece a disseminação do bordado como um artesanato de grande representatividade e importância, principalmente para as mulheres, já que no contexto histórico do bordado não é possível separar sua história da história das mulheres.

Neste sentido, como saber comunitário, esses saberes são fundamentais para o fortalecimento da identidade, do pertencimento e das memórias que permeiam o processo do bordado. Desta forma, a identidade das artesãs bordadeiras vai se constituindo de acordo com o contexto sociocultural, sempre em movimento e em transformação, já que diferentes fatores fazem parte do processo identitário, pois “Identidade é o movimento, é desenvolvimento do concreto” (Ciampa, 1987, p.74). Essa transformação tem como essência o processo de reconhecimento realizado nas atividades efetuadas, na troca com outras pessoas e no modo de vida que está sempre em constante mudança. A vista disso, Ciampa (1987, p.74) evidencia que a “Identidade é metamorfose.”

A formação da identidade traz consigo o processo de pertencimento que tem como ponto de partida a descoberta dentro de um processo complexo, assim como enfatiza Ferreira (2022, p. 68) “A descoberta de si através do ato de bordar é complexa, única e está repleta de reminiscências.” O bordado fortalece esse processo de pertencimento, pois o sujeito constrói o sentimento de pertencimento a partir da atividade que está realizando, ou a partir do meio que está inserido, enraizado. Os sentimentos podem ser desenvolvidos com base na ideia de pertencer a algo, ou seja, no processo de identificação ao qual o sujeito também se realiza e constitui sua identidade. Assim, a identidade de pertencimento das bordadeiras se liga ao bordado e à cidade de Passira que é referência do bordado, a luta pela constituição do bordado e do ser bordadeiras, por meio do reconhecimento coletivo, da AMAP, e enquanto produção de saberes, de cultura e também econômica da cidade e de várias famílias.

As lembranças também são fundamentais diante do processo de pertencimento e construção da identidade. Por isso, as lembranças, transformadas em memória, possibilitam a transformação na prática do bordado e nas vidas das bordadeiras. Para Ferreira (2022), a memória vai se construir diante do contexto da realidade. Logo, o bordado constituído a partir

da educação comunitária é influenciado pela identidade formada através das memórias e processos de pertencimento.

3 PERCURSO METODOLOGICO

O presente trabalho é fundamentado a partir da abordagem qualitativa que estrutura a metodologia, ou seja, estrutura “[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.” (Minayo, 1994, p.16). Dessa forma,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito peculiares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 1994, p.32).

E a partir da contribuição da pesquisa qualitativa, buscamos atingir o objetivo geral de nossa pesquisa: compreender que saberes populares constituem os processos educativos comunitários no fazer do bordado e na organização da Associação das mulheres artesãs de Passira/PE. Neste sentido, se constitui do tipo descritivo, pois “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” (Gil, 2002, p.42) Além disso, também se caracteriza do tipo exploratório tendo como objetivo constituir uma aproximação e hipóteses da problemática da pesquisa, assim como afirma Gil (2002, p.41) “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-los mais explícito ou a constituir hipóteses.”

E no sentido de atendermos aos objetivos específicos: 1. Identificar elementos dos saberes populares que constituem os processos educativos comunitários no fazer do bordado de Passira/PE. 2. Estabelecer relação entre os saberes populares, a educação comunitária e o bordado de Passira. E 3. Levantar a influência a Associação das mulheres artesãs na organização do bordado em Passira/PE, este estudo desenvolve-se a partir da pesquisa de campo, tendo como campo de estudo a AMAP (Associação das mulheres artesãs de Passira).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista narrativa, que segundo Gil (2002) pode ser mais ou menos estruturada, ou seja, esse tipo de entrevista está respaldada no viés da exploração para que seja possível realizar um aprofundamento na temática, por meio da história contada pelos entrevistados que, no caso deste trabalho, são quatro bordadeiras.

Apesar de a entrevista narrativa ter o caráter livre, a mesma foi parcialmente guiada a fim de responder aos objetivos específicos, por isso, está voltada ao contexto histórico do bordado que teve reflexo no ato de aprender a bordar, a prática de bordar que foi moldada a partir das vivências e saberes populares dos sujeitos participantes, além de enfatizar o papel da influência da Associação das bordadeiras na organização do bordado e das bordadeiras. Esses pontos serão questionados para que possam ser refletidos pelas bordadeiras através das suas memórias e sua relação com o bordado.

Acerca do tratamento das informações narradas, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo que, de acordo com Bardin (1977, p.31), é conceituada da seguinte forma: “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações.” Logo, a escolha pela análise de conteúdo é justificada nas amplas formas de interpretações das informações presente nas falas das bordadeiras. Mediante ao que afirma Bardin (1977):

Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo, como o contributo de índices passíveis ou não de qualificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificativas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens) (Bardin, 1977, p.42).

Desse modo, a análise de conteúdo está direcionada a técnicas que possam se complementar para interpretar as informações considerando sua amplitude.

A pesquisa foi realizada na Associação das Mulheres Artesãs de Passira (AMAP), as participantes da pesquisa são 4 bordadeiras, a escolha das participantes justifica-se pelo tempo do ofício do bordado e na Associação-AMAP. Para identificá-las escolhemos nomes de flores que são bordadas por elas em seus trabalhos, trazendo relações de sentimentos e significados. Assim, escolhemos as flores Tulipa (significa renascimento, renovação), Margarida (inocência e pureza), Açucena (pureza, inocência e renovação) e Rosa (amor, sentimento profundo), essas são as flores mais frequentemente bordadas.

A primeira entrevistada foi Tulipa. Ela é Passirense, tem 47 anos, começou a bordar desde pequenina “comecei a bordar desde pequena, nem lembro qual idade eu tinha quando comecei, só lembro que comecei aos pouquinhos, vendo os pontos mais fáceis e depois fui avançando” (Tulipa. Extrato da entrevista, 2025). Faz parte da AMAP há 4 anos, onde entrou para garantir a segurança financeira.

A segunda bordadeira, demos o nome de Margarida, também é Passirense e trabalha com o bordado desde os 7 anos de idade; diz que é “bordadeira há 31 anos e quero continuar

por muito tempo”. Está vinculada a AMAP há 2 anos por indicação de “outras bordadeiras”, considerando AMAP importante para a organização das bordadeiras.

Açucena, a terceira bordadeira, borda há 53 anos, iniciando também aos 7 anos de idade. Ela explica a relação de sua vida com o bordado da seguinte forma: “O bordado sempre teve comigo, porque já faz 53 anos que eu bordo. Comecei a bordar muito nova com 7 anos, não apenas com o bordado, porque eu sou artesã em crochê[...]. (Açucena. Extrato da entrevista, 2025). Entrou na AMAP há poucos meses, não sabe exatamente, explicando que considera a Associação um lugar de encontro e de cuidados. Assim, expressa “Resolvi entrar na AMAP porque meu marido é acamado (problemas de saúde) e eu cuido dele, então bordar distrai muito, porque cuidar de uma pessoa doente mexer muito com a mente, então para mim bordar é uma terapia, se não tiver eu piro” (Açucena. Extrato da entrevista, 2025).

A última entrevistada é coordenadora e fundadora da Associação, a quem demos o nome de Rosa por apontar em sua entrevista o amor profundo pelo bordado e preocupação pela situação das mulheres bordadeiras. Ela se apresenta como “Passirense, sou mãe, avó e bisavó, nascida e criada em Passira”. Borda desde “muito jovem, criança entre de 8 ou 9 anos, [...]”, formou-se como professora, função na qual se aposentou, mas nunca deixou o bordado que segundo ela enchia os olhos. Criou a AMAP porque verificou a necessidade de um ambiente que agregasse e defendesse as artesãs do bordado, fosse ponto de encontro e de organização financeira.

As entrevistas foram desenvolvidas no período de janeiro à fevereiro de 2025, e duraram em torno de 40 minutos/horas. Elas foram gravadas e depois transcritas. A mais longa foi com a coordenadora da AMAP considerando a narrativa sobre o ser bordadeira e o processo de fundação e o trabalho desenvolvido pela Associação.

A análise seguiu a orientação de Bardin (1977) organizando-se no Eixo Temático 4, acolhendo as análises dos resultados das entrevistas verificando que os saberes populares se fazem presentes nos processos educativos da comunidade de artesãs de Passira, desencadeando sonhos, histórias de vida, realidades e experiências coletivas, lutas e o fortalecimento da organização enquanto mulheres e bordadeiras ou enquanto mulheres bordadeiras de Passira.

4 SABERES POPULARES E OS PROCESSOS EDUCATIVOS COMUNITÁRIOS NO FAZER DO BORDADO DE PASSIRA/PE: SONHOS, REALIDADES, LUTAS E ORGANIZAÇÃO

Entre histórias, sonhos e lutas o bordado foi ganhando representatividade e transformando a realidade das bordadeiras, a partir de novos caminhos e aprendizados proporcionados pelo bordado. A arte de ensinar o bordado, passado de geração em geração, estabeleceu o vínculo entre o bordado, a cidade de Passira e as mulheres de Passira. É inegável a relação do bordado com a história da cidade de Passira-PE fortalecendo o vínculo identitário do bordado com a cidade e com as mulheres que buscaram significado em suas vidas pessoais e profissionais tomando o bordado como trabalho, lazer e segurança financeira. Dessa relação, o bordado tornar-se um símbolo que marca o reconhecimento da cidade a outros lugares e espaços da sociedade e da cultura, e das mulheres como responsáveis por esse processo de reconhecimento do bordado de Passira/PE.

Essa perspectiva de reconhecimento cultural e simbólico é refletida nas falas das bordadeiras como no caso de Rosa que explica que “Quem deu o nome a Passira foi o bordado.” (Extrato da entrevista. 2025) Nesse sentido, os saberes populares foram fundamentais para o início e continuação da prática do bordado, desenvolvidos por meio dos pilares que fundamentam a educação comunitária e fortalecem a cidade de Passira como espaço cultural e econômico do bordado.

Por meio das falas das entrevistadas, observamos elementos que constituem os processos educativos comunitários que se entrelaçam aos saberes populares e às histórias das vidas das bordadeiras, a partir de suas experiências e memórias. Assim, destacamos que o bordado, ensinado de geração em geração, no âmbito família e da comunidade, torna-se importante por possibilitar a união da família num processo de comunhão/compartilhamento de saberes, do desenvolvimento de uma arte, de uma profissão, do reconhecimento de uma identidade: a de artesãs, a do trabalho solidário, da participação, da contribuição financeira nas despesas domésticas e na renda complementar da família.

Neste sentido, nas narrativas das histórias, o processo de aprendizagem do bordado é explicado por elas como algo que perpassa todo ciclo de suas vidas, que as formam, marca seus sonhos, desafios e esperanças. Margarida, uma das artesãs do bordado, descreve como esse processo ocorreu no seu contexto familiar.

Sou de Passira, nasci e fui criada aqui, também formei minha família nesse lugar em meio ao bordado. Comecei a bordar com 7 anos, o bordado sempre teve dentro da casa da minha família, por causa da minha mãe, aprendi a bordar com ela, só olhando ela fazer. Olhava os pontos, os riscos, como ela pegava e guiava a agulha no pano, olhava cada coisinha para depois conseguir fazer. Depois de apreender não parei mais, sempre bordei, assim como o bordado estava dentro da casa da minha mãe, ele continuou dentro da minha casa, fazendo parte da minha vida, tanto que eu sou bordadeira há

31 anos e quero continuar por muito tempo (Extrato da entrevista. Margarida, 2025).

Em outro trecho da entrevista, Margarida destaca como o ensino do bordado é passado para outras pessoas como um saber que surge e circula, como fundamenta Brandão (2006), nas relações comunitárias.

O ensino de bordado é sempre dessa forma, as mães das nossas mães ensinaram para elas desse jeito, olhando e explicando como era feito. Assim como foi ensinado para a gente, e continuamos ensinando assim para quem quer aprender, é só ir acompanhando a bordadeira e o caminho desenhados pelos riscos. O bordado é ensinado assim, uma ensina para outra, que ensina para outra e vai se espalhando, cada uma com um detalhe diferente que foi aprendendo ao longo da vida, é uma forma de compartilhar com as outras o que nós sabemos (Extrato da entrevista. Margarida, 2025).

Os costumes, as tradições, o processo de transmissão do saber e as culturas familiares são os elementos fundamentais para o ensino do bordado, é a partir das concepções sobre o mundo e a relação com o bordado que o saber/ensino é desenvolvido. Ao realizar a prática de ensinar o bordado, ocorria uma aproximação entre mães e filhas, uma troca de experiência que resultava em novos riscos e aprendizagens de técnicas, derivadas dos saberes já experienciados que foram aprendidos e aprimorados no decorrer dos anos.

Brandão (2006) enfatiza que a educação comunitária, a partir da educação popular, faz parte do processo de formação de artesãos e demais grupos, como um saber transmitido pela própria comunidade, sob esse mesmo viés da educação comunitária, o bordado foi sendo desenvolvido. Assim, a prática de aprender olhando os caminhos da linha, guiados pelos traços, desenhos e riscos que eram realizados entre mães e filhas, evidencia-se uma prática comunitária que era realizada, na maioria das vezes, dentro do contexto familiar, assim como destaca Rosa.

Apreendi olhando ela fazendo, aí depois ela ensinava o que eu não sabia. Ia ensinando enquanto estava fazendo, desmanchava, refazia, ia ensinando na prática mesmo, e assim minha mãe bordou por muitos e muitos anos e eu juntamente fiquei a adolescência todinha assim, ajuda no serviço de casa, bordava e estudava (Extrato de entrevista. Rosa, 2025).

Nesse sentido, os saberes populares construídos a partir das experiências guiavam a prática do bordado e seu processo de ensino e aprendizagem. O bordado representa a cultura das famílias da cidade, o sentimento referente ao ato de bordar e a subsistência. O bordado também representa e compõe a renda financeira das bordadeiras e, em muitos casos, da própria família, fato que marca muitas das falas das bordadeiras. Essas, ao narrarem sobre as motivações para aprender a bordar, evidenciam a representatividade econômica do bordado. Assim como relata Margarida:

Eu comecei a bordar para ajudar a minha mãe nas coisas que necessitava em casa, para comprar as coisas (comidas e demais despesas). Meus pais ganhavam pouco, o dinheiro vinha do meu pai, então eles não tinham condições financeiras para conseguirem comprar as coisas para mim e minha irmã, então a gente tinha que fazer o bordado para ajudar de alguma maneira. O bordado era a renda complementar da família. Apesar de ser a renda complementar, sempre foi muito importante ter o bordado, além da gente gostar de bordar, também tinha o dinheiro que ajuda bastantes nas despesas (Extrato de Entrevista. Margarida, 2025).

Outra artesã que destaca a importância da aprendizagem do bordado e a sua relação com a parte financeira é Rosa. Ela diz que:

A renda da casa era do bordado e da agricultura, mas era principalmente o artesanato que mantinha a nossa casa, o complemento era a roça. Minha mãe sempre mandava a gente ir para a escola, sempre quando a gente ia comprar os materiais escolares, tínhamos que bordar muito (Extrato de entrevista. Rosa, 2025).

Logo, a prática de ensinar o bordado carrega diversos significados, não apenas para as famílias, mas também para o desenvolvimento econômico e cultural da cidade. Entretanto, mesmo o bordado sendo reconhecido como relevante para a cidade, as bordadeiras tinham algumas dificuldades em relação ao valor financeiro (valor a ser cobrado) sobre o seu trabalho e havia também dificuldades de levar a cultura do bordado para outros locais e cidades que desenvolviam eventos ou feiras de socialização, divulgação e comercialização de produtos artesanais. Para Vasconcelos (2016), a importância do bordado está na possibilidade de que a prática do mesmo possa propiciar a liberdade das bordadeiras de algum tipo de opressão, seja por questões financeiras, ou por ser uma atividade que proporcione bem-estar.

Esse processo de fortalecimento e reconhecimento do ser bordadeira-artesã e ter o trabalho como referência fez surgir a necessidade de uma organização das mulheres bordadeiras de Passira. Assim nasce a Associação das Mulheres Artesãs de Passira (AMAP). A AMAP surgiu provocando significativas mudanças como, por exemplo, a expansão comercial e cultural do bordado de Passira, levando-o para eventos artesanais, possibilitando o encontro de bordadeiras e a sua união em torno de uma profissão e de reconhecimento identitário. Assim como explica Rosa:

Eu trabalhava junto com outras bordadeiras e juntei elas para formarem a associação, foi quando fundei a associação, na época eram 20 bordadeiras. Ficou bem melhor para todas, porque sempre a gente participava de eventos, sempre convidavam para participar de exposições, a gente sempre ia (Extrato de entrevista. Rosa, 2025).

Neste trecho, observamos que a associação tem uma grande influência tanto para o bordado, quanto para as bordadeiras. A partir de suas falas é possível compreender que o

papel da associação vai além de comercializar e expandir a cultura do bordado, é uma forma de manter a essência, o reconhecimento da cidade e de suas bordadeiras.

A AMAP contribui sim para o bordado, porque ajudou a continuar o nosso bordado, a manter ele vivo e as bordadeiras bordando, fazendo o que gosta. Se não fosse a associação a gente (bordadeiras) não estaria aqui bordando. O bordado também não continuaria saindo de Passira para outros lugares, mostrando a beleza e também a história de Passira (Extrato de entrevista. Tulipa, 2025).

Além disso, a AMAP, que também surge do processo da luta coletiva das mulheres em terem seu trabalho organizado e reconhecido dentro e fora de Passira, provocou transformações significativas nas vidas das bordadeiras, trazendo liberdade e independência para muitas delas, assim como enfatiza Rosa.

Acredito que teve uma importância muito grande, porque quando a gente andava solta, solta assim, cada uma fazendo seu bordado a gente não tinha coragem, veja só Recife de primeiro era um bicho de 7 cabeça, pra ir em Recife era uma dificuldade, não tinha acesso e nem coragem de colocar uma bolsa nas costas e ir, então depois que criamos a associação elas começaram a sair daqui, iam pra Carpina, Recife, então quer dizer que elas já estavam começando a criar coragem. Já vi outras pessoas enfrentarem marido, deu força e independência. Logo no início eu sempre fazia reunião, e eu sempre dava aquela força bem grande para elas não abaixarem a cabeça. Hoje já vejo que muitas se encorajaram, as vezes as pessoas dão um bordado bem baratinho e elas não fazem, sempre ensinei e ensino a elas não fazerem por esse preço. Então eu vi muita gente fazer isso, eu acredito que isso foi um avanço de não baixar a cabeça e pegar o dinheiro que quisessem dar e vim para casa, isso foi um avanço sim. Eu mesma já levei uma, duas, três para os eventos para aprender. Nisso eu sou grata porque eu sei que ficou alguma coisa, pelo menos isso. Vi gente que participava do grupo que quando iam receber o marido estava na porta ou iam atrás pegar o dinheiro, então eu falava porque ficava doente vendo uma coisa dessa, elas até defendiam eles e achavam que estavam certo, por isso, eu fazia minha parte, então algumas aprenderam que esse tipo de atitude era errada, inaceitável mesmo. Eu sei que ao longo desse tempo a associação contribui muito mesmo, pelo mesmo na forma de elas criarem coragem de sair por aí vendendo, antes as mulheres tinham medo e nem as famílias consentiam. Eu fico feliz quando elas estão felizes, quando eu não puder fazer elas vão fazer (Extrato de entrevista. Rosa, 2025).

Desse modo, a influência da Associação na organização do bordado de Passira se estabelece na reflexão de temáticas diversas que perpassam as histórias de vida, vivências e realidades das mulheres bordadeiras de Passira. Verifica-se a relação de gênero e o patriarcado que marca o domínio do homem sobre a vida das mulheres, do seu trabalho e das possibilidades de ir para outros espaços que não seja o espaço doméstico da casa onde moram e o do cuidado com a família, fortalecendo o que diz Vasconcelos (2016, p. 112) de além do reconhecimento do “bordado manual de Passira como um espaço feminino”.

Desta forma, a AMAP, fruto do processo de aprendizagem ligada aos desafios de ser bordadeira, traz em sua constituição elementos da educação popular; pois reflete a organização coletiva, a identidade coletiva (ser bordadeira de Passira/PE), a libertação de amarras patriarcais que se projetam em uma visão de mulher submissa ligada a imagens e estereótipos de que a mulher que borda seja uma mulher prendada, habilidosa aos afazeres domésticos, sem a relação com a economia da casa e da cidade, não tendo, portanto, uma valorização da cidade e da sociedade, conforme expõe Rosa.

Quando eu vou para fora eu volto com vergonha da minha cidade, porque quando eu vou para fora as pessoas valorizam demais, sempre fazem perguntas. Era muita curiosidade. Pessoas intelectuais falando sobre o artesanato, a gente se sente bem pequenininha. Infelizmente aqui é um descaso, desvalorização, uma decepção. É algo revoltante não termos uma escola de bordado. Um desgosto. Falta de interesse. Não tem apoio [...] (Extrato de entrevista. Rosa, 2025).

Neste processo de organização e de reflexão sobre quem são e o que querem para si, as mulheres bordadeiras de Passira garantem, por meio do processo de circulação de seus saberes, a continuação da representatividade do artesanato para a cidade, mas principalmente da relação das bordadeiras com o bordado e com as delimitações que foram impostas a elas como mulheres pela sociedade.

O bordado transmitido de geração em geração faz com que o saber popular que surge e circula nas familiares seja um patrimônio cultural imaterial e assim promova a reflexão sobre a sua importância para a cidade, mas principalmente para a vida de cada uma delas que com o bordado se criaram e criaram suas filhas e filhos e desenvolveram uma economia própria de reconhecimento da cidade de Passira: o bordado de Passira, como diz Açucena:

[...]as pessoas que perguntam de onde a gente é, quando falamos Passira aí as pessoas já lembram e fala do bordado, é a marca da nossa cidade, é igual a uma marca de uma loja, é uma forma de identificar. Se o bordado acabar, acaba com a fama e a marca da cidade, também acaba com a história, porque o bordado é uma história, tem sua história junto com Passira (Extrato de Entrevista. Açucena, 2025).

O bordado e as vidas das várias mulheres bordadeiras “casadas, viúvas, solteiras, mães, filhas, tias, avós, netas, trabalhadoras rurais, comerciantes, mulheres unidas, em suas particularidades, pela arte do bordado” (Vasconcelos, 2016, p. 110) fazem e mudam a história do bordado e do ser bordadeira, transformando por meio de seus saberes concepções e formas de libertação nas práticas, histórias de vida e de movimento em prol de uma identidade coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa voltada a compreender que saberes populares constituem os processos educativos comunitários no fazer do bordado e na organização da Associação das mulheres artesãs de Passira/PE, obteve resultados que destacam o bordado e sua relação com os saberes populares e a educação comunitária de Passira/PE, que tem sua história construída ao longo dos anos pelas mãos das bordadeiras, que fortaleceram e mantêm o bordado como uma cultura identitária viva da cidade.

As concepções do bordado foram sendo transformadas a partir dos significados atribuídos ao mesmo, tendo marca nos vestígios das histórias dos povos que expressavam sua cultura no artesanato, moldadas pelo fazer feminino. As mulheres são as principais precursoras do bordado, suas peças refletem as discussões de gênero e da liberdade feminina, possibilitando que o bordado que, historicamente esteve voltado aos afazeres femininos, passasse a possibilitar liberdade e coragem para as bordadeiras.

Essas novas possibilidades também marcam a história de Passira, uma cidade do interior de Pernambuco marcada pelos pontos e riscos do bordado, que mantém a força do bordado viva pela Associação de Mulheres Artesãs de Passira (AMAP). A Associação é a vitrine do bordado, seu principal intuito é manter a cultura do bordado viva e levar esse bordado para outros lugares. Desse modo, a Associação foi e ainda é a referência para esta pesquisa, realizada por meio de entrevistas narrativas com 4 bordadeiras associadas da AMAP.

Logo, a partir das observações e reflexões é possível compreender o papel da educação comunitária, que é um dos pilares da educação popular, para o ensino e o fazer do bordado. Nesse sentido, os estudos referentes à educação popular foram importantes para a construção da base teórica e do olhar acerca dos saberes populares que emergem do bordado fortalecendo a educação comunitária que se efetiva nas diversas formas de aprendizagem vinculando o aprender ao olhar, (re)fazer, testar, pesquisar, ouvir, experienciar e vivenciar práticas com avós, mães, tias, irmãs e vizinhas. Assim, o fazer do bordado também se vincula a outras formas de aprender por meio das revistas de artesanato e da internet, conforme salienta Açucena, tornando-se caminho e ferramenta de novos saberes sobre o bordado. E nessas formas de aprender, os processos educativos do saber-fazer do bordado, passados de geração para geração, também revelam a luta pela sobrevivência e existência, autonomia e liberdade das mulheres bordadeiras.

Com base nas discussões orientadas pela questão: Que saberes populares constituem os processos educativos comunitários no fazer do bordado e na organização da Associação das mulheres artesãs de Passira/PE? É compreendido que os saberes populares correspondem às vivências e experiências culturais constituídas no âmbito familiar e na comunidade, que são compartilhados e expressados pelas mulheres bordadeiras. Os saberes populares são compostos por diversos elementos como a comunhão/compartilhamento de saberes, o bordado como arte e as bordadeiras como artistas e artesãs, nas despesas domésticas representando a renda complementar da família que contribui nas despesas, conquistas e realizações de sonhos. Também destaca a luta pela continuidade do bordado, já que há uma falta de incentivo e desvalorização das pessoas da cidade de Passira quanto ao bordado, que faz com que a cidade seja reconhecida. Além disso, surge a interferência das novas tecnologias que exercem influência na participação de jovens no bordado.

No contexto da Associação os elementos estão voltados à segurança financeira possibilitada pela AMAP, relação da junção do gostar do fazer bordado com a garantia da situação financeira. Além disso, é um local onde há igualdade e respeito com o trabalho e as bordadeiras, que contribui efetivamente na divulgação e socialização do bordado para outros lugares. A AMAP auxilia a manter o bordado vivo, fortalecendo e reforçando a identidade das artesãs do bordado, da identidade do bordado com a cidade Passira e da cidade com o bordado, porque uma está relacionada a outra.

Em vista disso, os saberes populares do fazer do bordado e da AMAP se interrelacionam, pois o fazer do bordado torna o bordado uma profissão; desenvolve uma identidade de bordadeira e artesã, o que interfere no processo da necessidade de organização da Associação garantindo a essas mulheres o fortalecimento de suas identidades e do bordado como algo que faz parte de suas vidas e da cidade.

São esses saberes populares composto pelas amplitudes de significados que costumam as tramas da relação dos processos educativos comunitários do bordado de Passira/PE.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adriana P. M. **“Bordados do Seridó”**: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal-RN, 2013.

ARAÚJO, L. B. M. de O.; CARVALHO, M. de F. Bordado e gênero: análise simbólica das expressões estéticas feministas presentes no fazer das bordadeiras de Passira-PE. **Revista**

Brasileira de Iniciação Científica, [S. l.], p. e024012, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/1017>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

BRITO, Thais Fernanda Salves de. **Bordados e bordadeiras**: Um estudo etnográfico sobre a produção de bordados em Caicó/RN. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, S.T.M; CODO; W. (orgs). **O homem em movimento**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. p 59 – 75, 1987.

FERREIRA, Elizabeth Lara Cantoni. **Bordados e coleções**: um estudo sobre práticas de preservação do bordado e sua relação com o feminino. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. Editora Atlas, São Paulo, 2002.

MALTA, M. Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história. In: ANPUH (Org.). **Anais do 28º Simpósio Nacional de História**. Florianópolis: ANPUH, p. 1-12. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PEREIRA, Ernandes de Queiroz. A educação popular hoje: múltiplas dimensões entre velhos e novos desafios. **EPENN**, 2014: Disponível em: <https://www.fe.ufg.br/nedesc/cmvt/control/DocumentoControle.php?oper=download&cod=906>. Acesso: 30 de março de 2025.

PREFEITURA DE PASSIRA. **Notícias – Prefeitura de Passira**. Prefeitura Municipal de Passira, 2025. Disponível em: <http://www.passira.pe.gov.br/noticias/index.php/passira.html>. Acesso em: 24 abr. 2025.

SILVA, Maria Regina Martins Batista e. **O universo da bordadeira**: estudo etnográfico do bordado em Passira. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

SILVA, Suelma Cristina Bernardo da. **Bordado manual de Passira**: intersecções entre imaginário regional, barroco e rococó. Caruaru: O Autor, 2017.

SOUSA, Juliana Padilha. **Tramas invisíveis**: bordado e a memória do feminino no processo criativo. Orientadora: Benedita Afonso Marins. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11443>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

VASCONCELOS, Isabella Karim Morais Ferreira de. **Uma Prática, um bem cultural**: Uma História Sobre o Bordado na Cidade de Passira-PE. (1985-2008). 72 Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

VIEIRA, Alberto. O bordado da Madeira: na história e cotidiano do arquipélago. **Funchal**, 1999. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0000104921244b56f0bc3>. Acesso: 16 de janeiro de 2025.

PALOMA REBECA DE ARRUDA

Dos Pontos e Riscos às Tramas Bordadas: saberes populares que costuram a relação dos processos educativos comunitários do bordado de Passira/PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso Licenciatura em Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco
- UFPE, na modalidade ARTIGO como requisito parcial
para a obtenção do título de LICENCIADO(A) EM
PEDAGOGIA.

Aprovado(a) em: 11/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Maria Fernanda dos Santos Alencar
Orientador(a) - NFD – CAA/UFPE

Prof. Filipe Antônio Ferreira da Silva
(Presidente da Banca – NFD – CAA/UFPE)

Prof^ª. Jessica Priscila Garcia de Souza
(Examinador(a) interno(a) – NFD – CAA/UFPE)

Doutoranda Carla Mailde Feitosa Santa Cruz
(examinador(a) externo(a) – PPGEDUC/CAA/UFPE)
